

**A INTROSPECÇÃO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS
NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA:
UMA ANÁLISE EM DOIS MICROCONTOS**

Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (UFT e IFTO)

paulohg@ifto.edu.br

Eliane Cristina Testa (UFT)

poetisalia@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca a compreensão das relações cotidianas e da ocorrência de fatos inesperados, a partir de dois microcontos, e esta procura é consolidada na análise do texto literário. Objetivou-se discorrer sobre a autorreflexão e o existencialismo por meio dos textos “Dona Izilda”, de Carlos Seabra e “Confissão”, de Lygia Fagundes Telles. Para a consecução do estudo, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica com base na literatura contemporânea, a compreensão da teoria literária do microconto e a análise do discurso. Dentre os resultados alcançados, tem-se a importância que a literatura exerce no processo de repensar das atitudes humanas, seja para si próprio ou para os relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave:

Introspecção. Literatura. Microconto. Relacionamento humano.

1. Considerações iniciais

A Literatura Brasileira Contemporânea, de acordo com Scholhammer (2011), encontra-se inserida nas produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI, em que a principal característica é a multiplicidade de estilos. Configura-se como a reunião de aspectos de diversas escolas literárias anteriores, demonstrando assim, a mistura de tendências que modificaram a poesia e a prosa, perpassando por contos, romances, crônicas, novelas, dentre outros, merecendo destaque neste artigo: o microconto e suas singularidades.

Nesta perspectiva, quanto ao conceito de microconto, segundo Paulino (2001), trata-se de um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor, e portanto, por sua forma concisa e breve, essa modalidade narrativa tem sido muito usual, apesar da previsível confusão com outras modalidades de microtextos existentes.

No tocante à introspecção, perceptível também nas relações interpessoais presentes nos microcontos “Dona Izilda”, de Carlos Seabra e

“Confissão”, de Lygia Fagundes Telles, observa-se que são sentimentos comuns à contemporaneidade e faz parte do processo identitário e cultural do povo brasileiro, o que acaba por se confirmar com as considerações de Silva e Albuquerque (2018, p. 48) uma vez que “os valores intrínsecos da identidade são constituídos por diversos modos de percepções, resultando em experiências e interpretações únicas, pois integram paisagens, sentimentos, possibilidades e manifestações”.

Respaldado na análise da narrativa, o presente artigo se justifica na importância que a literatura possui ao ser humano, e desta forma Zilberman e Silva (1990, p. 19) enfatizam que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências”, inclusive, o texto literário é essencial para a formação do indivíduo, para seu aprimoramento intelectual, cultural, como ser humano e, sobretudo, ético.

2. O escritor Carlos Seabra e a sua escrita literária

Nascido em Lisboa (Portugal), em 1955, e vivendo em São Paulo (Brasil), desde 1969, Carlos Seabra é autor de livros e sites de poesia (haicais) e literatura (microcontos), além de materiais didáticos. É considerado exímio editor multimídia, criador de jogos, especialista em tecnologia educacional e projetos envolvendo redes sociais, dispositivos móveis, e editoração e produção de conteúdos digitais. Executa trabalhos com desenvolvimento de sites na Internet e material educacional e cultural, livros digitais, audiovisuais, além da criação de jogos digitais e de tabuleiro (CLUBE DE AUTORES, 2014).

Observou-se que a linguagem e o estilo do escritor Carlos Seabra são trabalhadas com maestria e preocupação com o resultado, pois com simplicidade e apuramento no uso das palavras, o seu jeito de limitar as suas narrativas faz se encaminhar para um texto com aquilo que é estritamente essencial. Nota-se que ocorre o poder da concisão, porém com uma liberdade de prosa imensurável. O desafio de contar uma história em poucas palavras é o seu grande trunfo.

De acordo com o próprio Seabra (2010):

O microconto tem uma outra dimensão: ele é como uma ligação muito forte através de um furinho de agulha no universo, algo que permite projetar uma imagem de uma realidade situada em outra dimensão. Como se através desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um cone menor, que é o que está escrito no microconto, outro cone maior, que é a imagi-

nação a partir da leitura de cada um – pois mais do que contar uma história, um microconto sugere diversas, abrindo possibilidades para cada um completar as imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento. (SEABRA, 2010, p. 1)

Os microcontos são mais usuais e populares do que se imagina, e esse fazer literário de Carlos Seabra possui vários destinos, seja para a publicação em celulares, camisetas, postais, folhetos na praia, cartazes nos postes, azulejos, hologramas, *blogs*, *e-mails*, no *twitter*, o mero esquecimento ou o lixo simplesmente, e desta forma, conforme o próprio Seabra (2010), o microconto configura-se como um belo exercício de criatividade, síntese e algo muito divertido de se fazer.

3. *O fazer literário de Lygia Fagundes Telles*

A escritora Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo e passou a infância no interior do Estado, onde o pai, o advogado Durval de Azevedo Fagundes, foi promotor público. A mãe, Maria do Rosário (Zazita), era pianista. Voltando a residir com a família em São Paulo, a escritora fez o curso fundamental na Escola Caetano de Campos e em seguida ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, onde se formou. Quando estudante do pré-jurídico cursou a Escola Superior de Educação Física da mesma universidade. Atualmente ocupa a Cadeira nº 16, da Academia Brasileira de Letras (ABL, 2016).

Comumente citada pela mídia como “grande dama da literatura brasileira”, a escritora em seu universo ficcional, a memória é constantemente exercitada, ainda que as incertezas e armadilhas de uma memória lacunar sejam esboçadas ao tempo todo na escrita. Note-se que a temática memorialística é comum, porém não é a única. Logo, esse processo de rememoração é esboçado, por vezes, através da relação dos personagens com os objetos, signos que desencadeiam o compreender do presente e do passado (PEREIRA, 2007).

É a própria escritora Lygia Fagundes Telles que explica o seu processo de construção ficcional:

Eu percebo que está começando a nascer um conto quando, ao analisar as personagens vejo que elas são, de certo modo, limitadas. Elas têm que viver aquele instante com toda a força e a vitalidade que eu puder dar, porque nenhuma delas vai durar. Isso quer dizer que, com elas, eu preciso seduzir o leitor num tempo mínimo (TELLES, 1998, p. 29)

A escrita lygiana, segundo Piglia (2004), é uma narrativa com efeito de surpresa, quando no final da história aparece na superfície o que há de secreto. Tem-se uma narrativa fantástica, em que o mais importante não se mostra explicitamente, é construído composicionalmente no silêncio, e a verdade está sempre subentendida na narrativa. Aquilo que parece não ter muita importância na leitura no decorrer do texto é a chave mais importante para desvendar o enredo do conto.

4. Breves considerações no microconto “Dona Izilda”

Esclareça-se que tanto a leitura quanto a escrita de um microconto é um exercício que exige do escritor apurável criatividade e aprimorado poder de síntese, até porque as leituras e releituras podem abrir algumas possibilidades para cada um suplementá-lo de acordo com conhecimentos prévios e experiências vividas a serem incluídas em sua análise (CARVALHO, 2017).

Por isso, destaque às especificidades aqui discutidas que ficarão mais evidentes após a leitura do microconto em sua íntegra (SEABRA, 2015).

Dona Izilda tinha muita esperança e orgulho em seus alunos.

Quando foi assaltada por dois deles, levaram-lhe muito mais que dinheiro (SEABRA, 2015, p. 1).

Segundo o que se observou no microconto, Dona Izilda, uma professora dedicada, sentia orgulho dos estudantes que ensinava, e ao mesmo tempo, esperança que pudessem ter uma vida melhor. Entretanto, ao ser assaltada pelos próprios alunos, uma mistura de sentimentos lhe são aflorados: tais como frustração nas relações interpessoais, decepção e introspecção.

Vale, portanto, compreender que para Dona Izilda “levaram-lhe muito mais que dinheiro”, ou seja, a sua decepção diz respeito ao não saber lidar de forma sensata com o cotidiano desse relacionamento interpessoal, e os recorrentes desapontamentos causados nesta relação, em que sua esperança foi usurpada.

Por isso, a personagem foi visitada não só pelos assaltantes, mas por emoções que a remeteram a uma frustração inicial, e que segundo Coleta e Godoy (1986), podem levar, posteriormente, a uma intensa sensação de indignação, por perceber que alguém de sua confiança, consci-

entamente, deixou de atender as suas expectativas pessoais, que era a vontade de vê-los em uma vida digna.

Para Carvalho (2017), ao se avaliar um microconto, com qualquer tamanho, procuramos personagens, conflito, narratividade, humor, dramaticidade ou pelo menos um final enigmático, tudo de forma muito concisa. Por isso, como no caso de “Dona Izilda”, entre o escrito e o sugerido, nasce o microconto de impacto, pois a expertise está na relação entre o menor número de palavras e o maior número de significados possíveis.

A decepção é uma mistura de dor e sentimento de traição, e segundo Coleta e Godoy (1986), que esse sentimento à luz da análise do microconto, não gere definitivamente insegurança e desconfiança, uma vez que o ser humano precisa confiar em outras pessoas, para viver emocionalmente estabilizado.

A condicionalidade humana de existencialismo é caracterizada como uma autorreflexão, que é um voltar-se para si, não no sentido de uma “reflexão-sobre”, mas de uma relação do homem consigo mesmo e nisto consiste precisamente o eu (ABBAGNANO, 1992). E essa autorreflexão é feita pela personagem Dona Izilda.

5. *As perspectivas no microconto “Confissão”*

Evidencia-se que em tempos cada vez mais de ocupação ao ser humano, a necessidade de literatura passará pela focalização na máxima concentração da poesia e do pensamento. E por isso, as micronarrativas impõem novas relações entre leitor e texto, exigindo novas habilidades de leitura e escrita para lidar com tais textos, face às suas especificidades e temáticas (CALVINO, 1994).

Com esta prerrogativa, apresenta-se as nuances a serem mais esclarecidas depois da leitura e releitura do microconto em sua totalidade (TELLES, 2008, p.32):

Confissão
 – Fui me confessar ao mar.
 – O que ele disse?
 – Nada.

Considerando-se os detalhes do microconto “Confissão” nota-se o quanto a personalidade humana é riquíssima. Cada um tem o seu jeito de olhar o mundo, e isso faz com que a sociedade seja bastante heterogênea,

como no caso do eu lírico que em sua introspecção e individualidade propõe-se em fazer confissão ao mar.

Para Araújo (2009), o ser introspectivo diz respeito àquele que examina o seu próprio íntimo, os sentimentos, e as reações que lhe aparecem à sua ação. Em suma, são pessoas que apreciam o silêncio e sentem-se bem em um ambiente quieto. Por gostarem de ficar a sós com seus próprios pensamentos, elas buscam momentos de maior tranquilidade e paz.

Entretanto, neste caso específico, observa-se que o eu-lírico fez seu ato de contrição ao mar, que por ser inanimado para a fala, somente numa perspectiva poética lhe daria a resposta esperado. Destaque ainda ao fim extraordinário e humorizado do texto, pois a resposta do mar duvidamente pode significar que o mar não disse nada, ou que o mar de forma imperativa o mandou nadar, por meio da palavra "nada".

Borges (2017) é enfático ao afirmar que literatura lygiana é portadora de sentidos que ultrapassam o meramente denotativo, pois com expressões e sentimentos transpostos para o domínio do devaneio, da viagem, do humor, da simplicidade, da introspecção ou do sonho, suas imagens chamam a atenção sobre si mesmas e desafiam o leitor a interpretá-las.

Compreende-se que a escritora é dona de um estilo personalíssimo, pois se vale largamente das imagens simbólicas, responsáveis em grande parte pela universalização e densidade de suas tramas (GOMES, 2012).

Ainda para Borges (2017), em sua obra repetem-se imagens de fontes, jardins, rosas, estátuas, tapeçarias, gatos, sótãos, espelhos, escadas, bosque, mar, vento, dentre tantas. São todas elas imagens portadoras de sentidos que conotativamente superam a ambiência do texto denotativo. Note-se, portanto, que neste texto “Confissão”, o mar parece estabelecer com o eu lírico uma espécie de cumplicidade, verdadeira e com um humor velado.

Por ser carregada de ambiguidades, sua ficção tanto traduz o jogo textual quanto dá testemunho da simplicidade. E por isso, com essa dinâmica, Lygia Fagundes Telles constrói uma visão porosa da literatura ao tecer uma narrativa de microconto que brinca com referentes textuais ao mesmo tempo em que expõe conflitos sociais, neste caso, a introspecção humana (SANTIAGO, 2002).

Ainda na questão do existencialismo e da autorreflexão, pode-se compreender que o voltar-se para a própria relação, que faz com que o homem exista, uma vez que “o homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese”, conforme preceituou Kierkegaard (2006, p. 19). Filosoficamente, o microconto retrata a dialética da existência, demonstrando que o eu não é somente finito, com escolhas limitadas, mas também infinito, podendo escolher uma infinidade de caminhos a seguir.

6. Considerações finais

Com a finalização deste artigo, conclui-se que ao apresentar as nuances da introspecção e da decepção na relações interpessoais, com o base nos microcontos “Dona Izilda”, de Carlos Seabra e “Confissão”, de Lygia Fagundes Telles, ficou perceptível que a literatura tem esse poder de fazer o leitor pensar e repensar os vieses do cotidiano, e neste caso, o repensar da postura ética.

Arrematou-se que, preliminarmente, o microconto pode ser compreendido como sinal dos novíssimos tempos, segundo Chauvin (2016), e isso ocorre porque ele dialoga com novas formas de representação – imediatas, objetivas, fragmentárias – que favorecem a economia de tempo dos leitores, habituados à leitura diagonal, em lugar da orientação linear.

Findou-se como elementar que, além desse precioso jogo do texto dentro do texto, a leitura dos microcontos permitiu identificar a ambiguidade da narratividade, que, ao se mostrar voltada apenas para uma reflexão interna, deixa rastros de muitos caminhos a serem percorridos.

Os microcontos levaram ainda ao limiar do existencialismo, que projeta o sujeito à sua reflexão e não se limita a uma objetivação abstrata da realidade, em que a natureza humana tem seus problemas peculiares e que é fundamental à luz da literatura a busca pela sua compreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Diccionario de Filosofia*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.
- ABL. Academia Brasileira de Letras. *Biografia de Lygia Fagundes Telles – 2016*. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/> Acesso em 15mai2019. (2016).

ARAÚJO, M. M. M. Instrospecção e criação literária: o lado subterrâneo das personagens cardosiana. In: *Letrônica*, v. 2, p. 341-52, 2009.

BORGES, K. J. S. Do terror à inquietação: o sobrenatural em dois contos de Lygia Fagundes Telles. In: *Revista Todas as musas (On-line)*, v. 09, p. 169-176, 2017.

CALVINO, Í. *Seis propostas para o próximo milênio*: lições americanas. Trad. de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, D.M. Micrcontos no Brasil. In: *Revista Entreletras*, Araguaína-TO, v. 8, n. 2, jul./dez. 2017.

CHAUVIN, J. P. Reflexão sobre o microconto. In: *Jornal da USP*, São Paulo, p. 1-6, 27 jun. 2016.

CLUBE DE AUTORES. *Saiba mais sobre o autor Carlos Seabra*. 2014. Disponível em <https://clubedeautores.com.br/livros>, Acesso em 22 jul 2019 (2014).

COLETA, J. A. D.; GODOY, S. A. Atribuição de Causalidade ao Sucesso e Fracasso e Reações Emocionais. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB. Impresso), v. 2, p. 145-56, 1986.

GOMES, C. A voz dos excluídos em Lygia Fagundes Telles. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, 2012.

KIERKEGAARD, S. *O Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

PAULINO, G. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PEREIRA, M. R. A. Um estudo da recepção crítica de Lygia Fagundes Telles. In: *XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Gênero, identidade e hibridismo cultural. Ilhéus: Editus, 2007.

PIGLIA, R. *Formas Breves*. Trad. de José Marcos Mariane de Macedo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SANTIAGO, S. Prosa literária atual no Brasil. In: SANTIAGO, S. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHOLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SEABRA, C. A onda dos microcontos. In: *Publicado na revista Língua Portuguesa*, edição de Abril de 2010. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/> Acesso em 15jun2019.

_____. *Microcontos*. São Paulo: O Fiel Carteiro, 2015.

SILVA, P. H. G. Da; ALBUQUERQUE, F. E. As ciências do léxico: proposições para a prática docente no ensino de línguas indígenas. In: *Revista Uni-vap*. São José dos Campos-SP, v. 24, n. 44, jul. 2018, p. 39-53. Disponível em <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/1877>, Acesso em 21set2019. (2018).

TELLES, L. F. A disciplina do amor. In: *Cadernos de literatura brasileira*, Lygia Fagundes Telles (n. 5). São Paulo: Instituto Moreira Salles, março 1998.

_____. *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*. Ateliê Editorial, 3. ed, 2008.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. (Org.). *Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto*. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.